

INTRODUÇÃO

Uma das coisas que mais me fascina no universo da imagem, e que me levou a cursar Design, é a infinidade de maneiras que temos para representar visualmente uma mesma ideia. Qualquer um que entrar em uma aula de desenho de observação, onde o espaço para a imaginação é teoricamente reduzido, vai compreender exatamente do que estou falando. Cada olhar é único e traz uma novidade às coisas que damos por conhecidas.

Essa multiplicação de olhares e formas contrasta, no entanto, com alguns objetos que se provam constantes na nossa cultura. Existem histórias, por exemplo, que estão sendo contadas há tanto tempo que não sabemos nem mais identificar sua origem, mas que possuem representações visuais múltiplas e muitas vezes até efêmeras.

O livro infantil se mostrou como um objeto perfeito para pensar essa questão. Não só pelo espaço que dá à imagem, como pela quantidade de obras centenárias, e muitas vezes de origem popular, dedicadas a esse público. É como uma corrente de histórias que nossas avós repetiram para nossas mães e que certamente leremos para nossos filhos. Existe algo de universal nelas que atravessa tempo e espaço e que deve ecoar em algum lugar essencial da nossa questão de ser alguém no mundo, e, pensando nisso, é curioso lembrar que também a criança gosta de escutar repetidas vezes uma mesma história.

Além disso, sou pessoalmente apaixonada por livros infantis, e apesar de não ser minha principal área de atuação profissional hoje, são eles que me levam para os lugares mais interessantes. É onde eu invisto minha imaginação, meu pensamento e meu lazer. Acredito na possibilidade da imagem agregada à literatura de tratar das mais variadas questões com profundidade e delicadeza, independente da faixa etária.

Com essa ideia na cabeça e no peito, levei a questão para uma pesquisa na Pós-Graduação *latu sensu* de Comunicação e Imagem, na PUC-Rio. Debrucei-me justamente sobre as diferentes formas de representação de uma mesma história para entender como a imagem interferia na nossa leitura e interpretação, no caso escolhi *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll. Estreava, na época, mais uma releitura cinematográfica de grande investimento e alcance, dirigida por Tim Burton, e se multiplicavam versões do clássico nas livrarias.

Orientada pela professora Liliana Heynemann, abordei as diferentes maneiras de se aproximar da questão da imagem, para em seguida analisar e comparar quatro visões contrastantes de Alice. Foi muito interessante analisar as diferentes e variadas leituras que diretores e ilustradores fizeram da mesma obra. Estavam todas no texto de Lewis Carroll, sem dúvida, mas cada Alice trazia suas próprias questões. A obra não se esgota na imagem e as releituras visuais são múltiplas, mas não por isso menos relevantes, pois trazem novos ângulos para antigas perguntas. E se a resposta nunca é definitiva, vamos continuar criando imagens, ou, como no meu caso presente, pesquisando-as.

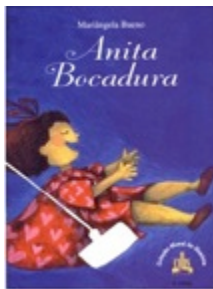
Esse contraste entre o que muda e o que permanece continua sendo de grande interesse aqui. Logo percebi que não são somente os grandes clássicos que estão sendo constantemente reeditados, mas uma série de estruturas narrativas que são repetidas com uma ou outra variação. Isabel Lopes Coelho, editora de literatura infantil da Cosac Naify, certa vez, desabafou em seu blog sobre o prazer de ler os originais que chegavam à sua mesa, na esperança de serem editados, mas chama atenção justamente para os clichês que inevitavelmente se empilhavam:

A repetição de temas e estruturas textuais é tamanha que, vez ou outra, chegamos ao ponto de brincar que nunca mais vamos publicar livros de cachorro, que tragam “bicharada” no título, sobre irmão mais novo, sobre o menino diferente que não tem amigos, sobre comer verdura, escovar os dentes, ir ao médico, ir na escola... (COELHO, 2013).

São clichês de livro infantil que facilmente identificamos nas livrarias. Um deles me chama a atenção, particularmente, não só por sua recorrência, mas por sua pertinência para tratar uma série de questões. Assim, é esse menino diferente que não tem amigos, que a editora cita acima, que será nosso personagem principal daqui em diante. Tamanha é a sua ocorrência, que no catálogo infantil da

editora Callis, por exemplo, em uma seção especialmente dedicada à “autonomia e autoestima”, encontramos, sem muita dificuldade, alguns exemplos do nosso amigo solitário, entre uma série de livros que lidam diretamente com as dificuldades da infância. Seguem imagens das capas de quatro publicações (**Figuras 1 a 4**) e suas sinopses, todas tiradas do catálogo virtual Callis (2011), disponível no site da editora:

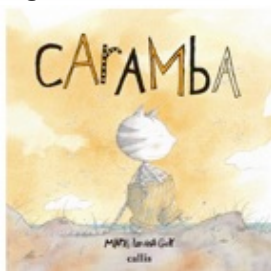
Figura 1: Anita Bocadura



“Anita Bocadura era uma menina que não tinha amigos e não sabia por quê. Descubra como Anita conseguiu resolver esse problema com a ajuda de alguém muito especial.”

Fonte: Catálogo Callis, 2011, p.38¹.

Figura 2: Caramba



“Caramba parece um gato como outro qualquer, mas não é. Ele é diferente dos outros gatos desta história, pois não sabe voar. Por meio da fantasia, de um texto encantador e com lindas ilustrações, esse livro trabalha a aceitação das diferenças.”

Fonte: Catálogo Callis, 2011, p.35.

Figura 3: Orelhas de mariposa



“Mara tem orelhas de abano. Ou seriam de mariposa? Mara usa meia furada. Ou será que ela tem um dedo curioso? Essa história mostra de forma delicada e bem-humorada que as qualidades ou os defeitos das pessoas podem ser enxergados de diferentes formas, dependendo somente do ponto de vista.”

Fonte: Catálogo Callis, 2011, p.36.

Figura 4: Mancha, a menina maldesenhada



“Algumas meninas se acham maldesenhadas. Reclamam do nariz, do cabelo, do peso... reclamam de tudo! Mancha, não. Com pouco texto e ilustrações que contribuem de forma divertida para o entendimento da obra, a autora cria um passeio inteligente e ágil sobre a percepção de Mancha de suas imperfeições e sua aceitação.”

Fonte: Livraria cultura²

¹ Disponível em < <http://www.callis.com.br/>>. Acesso em: 15 dez. 2013.

Apesar de entender a saturação de Isabel Coelho ao ler os originais e se deparar com mais uma história semelhante, não vejo a repetição necessariamente como algo negativo, ou mesmo como sinônimo de falta de originalidade. Muitas vezes, ao contrário, é exatamente através de uma fórmula conhecida que o autor e/ou ilustrador tem a oportunidade de surpreender seu público.

Além disso, os clichês existem por um motivo, o tema proposto aqui é uma questão universal, e não é exclusiva da literatura infantil. O clichê, na origem da palavra, era uma matriz tipográfica. Em geral usado num tom pejorativo, denotando uma repetição vazia de significado. Porém, só de haver repetição, já podemos pensar que essa mensagem repetida é carregada de significado e relevância para o grupo social que atravessa gerações com ela. É em cada manifestação dessa mensagem que vamos encontrar traços dessa mesma problemática que precisa ser lembrada de tempos em tempos.

Assim, aquele que contrasta dos demais do grupo e passa por um percurso, seja de busca, seja de provações, para finalmente chegar à aceitação, ou inclusão, em um grupo social é uma personagem recorrente em diversas narrativas de diferentes tempos e lugares, carregando uma mesma mensagem de superação e reconhecimento social. Em livro, filme ou no teatro, é uma história que está sendo sempre recontada, tendo o *patinho feio*, na literatura infantil, talvez como seu representante mais conhecido. Tão popular é a história que chega a virar figura de linguagem, ou adjetivo, no discurso corrente. Todo mundo compreenderia, por exemplo, o seu emprego na frase “o Botafogo é o patinho feio do futebol”, como a falta de um reconhecimento merecido para o time simbolizado pela personagem.

Se o herói é aquele que vence limitações e ultrapassa barreiras para alcançar determinado reconhecimento, não erraremos em chamar de herói a personagem diferente que trataremos aqui. Esse percurso pode ser facilmente identificado com o mito do herói, tal como discutido por Carl Jung (2008) e Joseph Campbell (2007), e que por sua vez o relacionam com ritos de passagem relacionados ao amadurecimento e inclusão em determinada esfera social.

A repetição, portanto, não pode ser vista apenas dentro de um contexto de falta de originalidade, mas como um sintoma de uma questão que transcende cada

² Disponível em <<http://www.livrariacultura.com.br/scripts/resenha/resenhaasp?nitem=29643410>>. Acesso em 16 jan. 2014.

uma dessas histórias, tal como os rituais que observamos em nossa e outras culturas (COELHO, 2000, p.30).

Assim, é somente compreendendo em profundidade o que move o *menino diferente* ou o *patinho feio* que chegamos a resultados mais interessantes e complexos que o que uma simples receita de bolo parece esconder.

O eixo temático da pesquisa está, portanto, nessas diferentes formas visuais que o arquétipo do diferente, do estigmatizado, tem o potencial de inspirar, transformar e adquirir no contexto da literatura para crianças.

Sendo uma matriz do conto infantil que discute questões como a diferença e a busca pela identidade, as representações criadas para a história revelam muito do nosso próprio olhar sobre o tema da diferença. Além das muitas recriações e adaptações literárias, visuais e teatrais, que multiplicam as possibilidades de interpretação.

O livro infantil ilustrado é um dos terrenos mais férteis para a análise da imagem e da narrativa. Temos ali justapostas duas linguagens complementares que multiplicam as possibilidades de interpretação de uma narrativa, e um público aberto e imaginativo para explorá-las, sejam crianças ou adultos.

Para além da percepção por parte do leitor, a ilustração e releitura de um enredo revelam uma visão do ilustrador ou escritor que, como representantes de seu meio cultural, apresentam uma determinada visão de mundo. Mesmo que tais histórias pouco se alterem em si, nossa percepção delas certamente está em constante transformação, o que pode ser facilmente exemplificado nos múltiplos textos, imagens ou relatos que criamos para elas.

Dessa maneira, a imagem nos servirá de caminho e de guia para analisar as diferentes maneiras de como o tema é encarado. Essa personagem *diferente*, que busca sua identidade nos mais variados contos, reflete em suas imagens visões diversas sobre a questão latente do pertencimento.

Tal é a importância desse sentimento de pertencer ao grupo, de ser reconhecido como parte do todo, que a própria noção de si mesmo é problematizada, assim é que dedicamos grande parte das nossas indagações pessoais a esse tipo de questionamento. Quem nunca se viu em uma crise existencial? A busca do nosso herói, portanto, é não só de identidade pessoal e de identificação com um grupo social. A maneira como as duas esferas se relacionam, e sua importância para esta pesquisa, compõem a discussão do primeiro capítulo.

Construímos, assim, no primeiro capítulo, a relação entre a formação da identidade pessoal e o reconhecimento e aceitação social. Tendo por leitura principalmente *O percurso do reconhecimento*, de Paul Ricoeur, 2004, e *Luta por reconhecimento*, de Axel Honneth, 2003, e finalmente os textos de Kathryn Woodward e Tadeu Souto Tomaz da coletânea *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, 2000.

Conceitos como *categorização e representação social, oposição, reciprocidade* e o *reconhecimento* em seus níveis afetivo, jurídico e social serão aprofundados a fim de se obter um panorama da construção da identidade, e de como esta se relaciona intrinsecamente com o viver em sociedade e quais seus pontos de conflito.

Destacamos, em seguida, o problema da não inclusão, seja de um grupo, seja de um indivíduo. Através da leitura de Erving Goffman (1975; 2009), aprofundando o conceito de estigma e seus desdobramentos para a identidade pessoal e social.

Em tempos em que a palavra *bullying* está na ponta da língua de mães e educadores, em que o contato imediato com o resto do mundo nunca foi tão facilitado, e em que paradigmas estão sendo quebrados, é inevitável refletir de que ponto de vista, histórico e cultural, falamos sobre a inclusão. Ela está em pauta, da escola ao mercado de trabalho, e é discutida tanto no ônibus como no Senado. A identidade é uma questão política e até econômica; a forma como a encaramos indica relações de poder e modos de viver em sociedade. O problema atual do multiculturalismo, confrontado com o ideal Iluminista de igualdade universal, é colocado em discussão e contextualizamos a questão do pertencimento em seu momento atual de fragmentação identitária.

Uma vez que vamos buscar essa discussão dentro de um objeto específico, com características e história particulares, será necessário um aprofundamento no livro infantil em si: quais são suas origens e influências. Assim, no segundo capítulo, pretendemos entender o que faz um livro ser infantil e abordar um pouco de sua história e sua formação enquanto campo. A imagem, ou ilustração, é parte fundamental dessa definição e sua história, enquanto objeto, está em grande parte associada ao seu uso e às evoluções nas técnicas de impressão.

Se o livro infantil é um objeto cultural, nossa própria ideia de infância também foi construída, e é esta que, em muitos casos, dita o que é próprio ou impróprio para esse público. É curioso pensar como a fantasia e a imaginação

acabaram por encontrar seu espaço privilegiado nesse universo. Em outra época, as histórias fantásticas e os mitos não tinham essa restrição de faixa etária. Pode-se observar que se olharmos para grande parte do repertório dos clássicos infantis, veremos que muitos deles têm origem na tradição popular. Cabe assim a pergunta: *como aconteceu essa transição do popular ao infantil?* Percebe-se ainda grande recorrência de temas, motivos e personagens que remetem a tempos imemoriais.

Uma dessas personagens é justamente a que dá título ao presente trabalho. Se a arte é o canal para simbolizar nossas questões mais profundas, não há dúvida de que o problema do pertencimento faz parte desse panteão. Jung (2008) chama esses símbolos recorrentes de “arquétipos”, pois ainda que variem em forma, ou detalhes, sua ideia central permanece a mesma. O conceito reforça o argumento de que estamos constantemente repetindo narrativas e que existe na personagem estudada algo de latente e universal que atravessa uma série de histórias com a mesma formulação e conclusão.

Joseph Campbell (2007) usa esse mesmo termo para qualificar o herói épico e apresenta uma estrutura narrativa que pode ser identificada em diversos contos. Dessa forma, a trajetória do herói pode ser identificada como uma busca ao mesmo tempo pessoal e universal. A própria procura por esse pertencimento pode ser identificada como a aventura do herói épico, tendo a busca da identidade como motor principal da história.

Além de Campbell (2007), outros autores também pensaram sobre essa característica repetitiva, ou de recorrência de determinadas histórias. Bakhtin (1997), por exemplo, acrescenta à discussão a ideia de que os sentidos se renovam, ainda que as histórias continuem, aparentemente, as mesmas. Seu entendimento dentro de determinado contexto cultural pode ser tão rico quanto uma análise de seu impacto posterior, que continua gerando significado. As histórias ganham vida por elas mesmas, conforme se inserem em uma ou outra cultura.

A imagem é um importante elemento desse fator cambiante, e se a personagem é símbolo para uma questão maior, a imagem é capaz de simbolizar além das palavras, agregando valores e sentido à narrativa. E, ainda, uma vez que o estigma é, em geral, manifestado visualmente, a imagem passa a ser uma questão fundamental para a análise das narrativas aqui propostas. Observaremos no terceiro capítulo, que essa interação entre texto e imagem pode acontecer de várias maneiras. Pensar as potencialidades de cada linguagem, a verbal e a visual,

é entender a grande riqueza do livro ilustrado, portanto. A ilustração, muitas vezes vista como *enfeite*, pode cumprir um papel decisivo na narrativa.

Apesar de não existir limite de estilo hoje em dia, a ilustração editorial possui características próprias, e pode, inclusive, abarcar o livro em sua totalidade, enquanto objeto. Definindo a ilustração como uma região de interseção entre a arte e o design, se pode ver como a visão projetual pode contribuir para a construção de sentido no livro infantil. A diagramação, as quebras de página, o layout e o estilo podem mudar uma história e sua relação com o leitor.

Se partimos de um ponto de vista do design, é com esse olhar que vamos buscar nos livros infantis as imagens da nossa personagem diferente. Essa leitura visual parte da imagem para o texto verbal, buscando nela o que contribui para a construção da história e para a representação das questões relacionadas à identidade.

O problema de analisar imagens já foi abordado por diferentes autores e pesquisadores. Buscamos aqui uma leitura de imagens que seja flexível, que se adeque ao tema proposto, procurando levantar as ideias discutidas sobre pertencimento junto aos exemplos apresentados.

Os livros escolhidos para essa leitura comparada feita no quarto capítulo são representações dessa personagem marginalizada em histórias, que seguem uma estrutura semelhante, identificada com o percurso do reconhecimento. Similar à divisão proposta por Campbell (2007), as histórias foram divididas em três momentos-chave. Assim, é possível observar e comparar as soluções de cada autor/ ilustrador na representação e caracterização da diferença, ou exclusão.

Selecionamos três obras que contrastam entre si para fazer esse paralelo. A primeira edição de *O patinho feio*, de Perrault, publicada pela Edições Melhoramentos em 1915, e reeditada recentemente em seu formato original; *Flicts*, publicado por Ziraldo em 1969, que se tornou um clássico da literatura infantil no Brasil, ganhando versões teatrais e constantes reimpressões e uma publicação mais recente, de 2012; *Mancha, a menina mal-deseenhada*, de Maria Eugênia, como contraponto contemporâneo.

Dessa forma, observaremos três momentos distintos da história editorial brasileira, e três abordagens contrastantes do tema, tanto visualmente, como em relação à proposta editorial. Com essas diferentes interpretações visuais, espera-se compreender um pouco mais essa personagem que traz em si questões importantes, não só para o mundo infantil como para problematizações sociais contemporâneas.